

ANTÓNIO DE MEDEIROS E ALMEIDA

António de Medeiros e Almeida (1895-1986) foi um empresário de sucesso que reuniu um valioso acervo de artes decorativas o qual doou ao País, pela afetação do seu património a uma fundação. Criada em 1972, a Fundação Medeiros e Almeida tinha por objetivo: “...dotar o País com uma Casa-Museu”.

António de Medeiros e Almeida¹ nasceu a 17 de Setembro de 1895 em Lisboa, filho primogénito de Maria Amélia Tavares Machado de Medeiros (1872-1952) e de João Silvestre d’ Almeida (1864-1936), ambos açorianos naturais de São Miguel, o pai a trabalhar na capital como médico e empresário.

A formação de AMA passa pela frequência de Medicina, curso que abandona em 1921 e por um tirocínio na área da gestão e administração de empresas na Alemanha no entanto a sua bem sucedida carreira de empresário deve-se ao seu apurado sentido de negócios e à enorme capacidade de trabalho que o caracterizou.

Em junho de 1924 António casa com Margarida Rita de Jesus da Santíssima Trindade de Castel Branco Ferreira Pinto Basto (Lisboa, 1898-1971) instalando-se na rua do Salitre em Lisboa. Com a consolidação dos negócios, em 1943 o casal adquire um palacete situado no gaveto das ruas Mouzinho da Silveira e Rosa Araújo onde fixam residência em 1946, após obras de adaptação. Em 1970, o casal muda-se para uma casa contígua à anterior morada, de modo a permitir a construção do seu sonho: doar ao país a sua coleção de arte instalada no imóvel que habitaram. De modo a concretizar o projeto de doar ao país uma casa-museu, AMA contrata o arquiteto Carlos Ramos para projetar a extensão da sua casa (1968-1970) e o arquiteto Sommer de Andrade que se encarregou da conclusão da obra e dos trabalhos de museografia (1970-1974).

Regressado de Berlim AMA dedica-se ao seu primeiro negócio tornando-se importador exclusivo para Portugal das marcas de automóveis britânicos Morris, Wolseley e Riley. O contrato com a *Nuffield Exports Ltd.* concretizou-se, em 1923, com a abertura de um *stand* de automóveis em Lisboa - A. M. ALMEIDA. Num texto escrito nos anos oitenta² em jeito de biografia, AMA relaciona o negócio dos automóveis com a criação da sua fundação: “...Em 1955 vendi a minha fracção na firma A.M. Almeida por mim criada, e posso dizer que o negócio dos automóveis foi o indicador e promotor do que é hoje a Fundação Medeiros e Almeida.”

A ligação empresarial de AMA com a ilha de S. Miguel começou com a gestão dos diversos negócios de família, nomeadamente a produção de álcool puro (UFFA – União de Fábricas Açorianas de Alcool) e de

¹ Doravante referido com o acrónimo AMA

² Memorial manuscrito por AMA, s.l. (Lisboa), s.d. (posterior a 1966. Anos 80?), p.1. Data estimada pela grafia manual já muito tremida e por semelhança com outra documentação coeva. Pasta I, Espólio documental – Arquivo FMA.

açúcar (SINAGA) estendendo-se a partir de 1941, à gestão da firma Bensaúde & C^a. Ld.^a., da qual se torna sócio e gerente. Em 1968, após vários anos de dedicação que se revelaram no sucesso do grupo, AMA abandona a empresa para se dedicar a assuntos particulares “... *muito especialmente da transformação da minha casa em museu, obra muito trabalhosa e de grande responsabilidade...*”³

O empresário interessou-se também pela área da aviação comercial, na qual teve um papel de relevo; em 1948 adquiriu uma das primeiras companhias aéreas portuguesas de transporte regular, a Aero Portuguesa, que transformou numa bem-sucedida companhia. Em 1953 funde a companhia na transportadora nacional *TAP - Transportes Aéreos Portugueses* (fundada em 1945) tornando-se o seu maior acionista privado e presidente da assembleia geral.

Ao longo da vida AMA desempenhou ainda diversos cargos na administração de empresas de setores variados, da construção à banca. É incontornável o papel de relevo que desempenhou no mundo empresarial português; o sucesso enquanto empresário permitiu-lhe tornar-se colecionador e um dos maiores mecenas portugueses do século XX.

O colecionador começa a comprar antiguidades em finais dos anos trinta e continua sem parar, até à sua morte em 1986: “*Desde os meus vinte anos, isto é, desde 1915, comecei a interessar-me por antiguidades, que passei a adquirir a partir dos meus 30 anos e quando as minhas posses o permitiam. Esse interesse foi-se desenvolvendo com intensidade e a pouco e pouco fui coleccionando peças raras de valor artístico e histórico...*”⁴. No início, as compras são feitas exclusivamente em Portugal, o recurso ao mercado internacional dá-se após o final da II Guerra Mundial. Neste percurso identificam-se três fases; a primeira acompanha o início da sua carreira nos anos trinta sendo marcada pela necessidade de decorar a casa onde vivia e pela opção de recorrer ao mercado de antiguidades. A segunda fase, ainda motivada pela decoração, desta feita da sua nova habitação (a partir de 1946), liga-se ao sucesso da sua carreira profissional, permitindo-lhe frequentar os melhores antiquários e leiloeiras em Portugal e no estrangeiro. A terceira etapa verifica-se após a decisão de criar uma fundação (finais dos anos sessenta) e do consequente alargamento do espaço expositivo, correspondendo às compras realizadas para recheiar os ambientes específicos criados na nova ala da Casa-Museu.

As muitas viagens, os contactos com *marchands*, antiquários, leiloeiros e colecionadores privados, as visitas a feiras e museus dão-lhe uma projecção internacional que se vem a refletir no ecletismo da coleção que reuniu, composta por cerca de nove mil obras de arte de grande variedade tipológica.

Não se confinando em movimentos artísticos, geografias ou períodos específicos como fizeram outros colecionadores, é clara a preferência de AMA por duas orientações estéticas no âmbito das artes

³ Documento datilografado. s.l. (Lisboa), 28 out. 1968. Pasta III, Espólio documental – Arquivo FMA.

⁴ Memorial, s.l. (Lisboa), jan. 1977. Pasta I, Espólio documental – Arquivo FMA. Vide Anexo II, 5

decorativas: a europeia com pintura, mobiliário, relógios, ourivesaria, joalheria, têxteis, porcelana e leques - onde o gosto pelo século XVIII francês se destaca - e a chinesa com porcelana, lacas, esmaltes e jades. A existência de alguns núcleos coerentes é reveladora das suas preferências pessoais: é o caso das coleções de porcelana da China, de relógios e de pratas inglesas que se destacam no acervo pela qualidade e raridade de alguns dos seus exemplares. A arte moderna ou contemporânea não interessou o colecionador.

No período pós revolução de 25 de abril de 1974, o projeto de aumentar a casa sofreu grandes dificuldades que não demoveram a vontade de AMA que, na impossibilidade de ver o museu aberto ao público em vida, tomou as necessárias disposições para a resolução da situação pelo conselho administrativo da fundação. De igual nota é o facto de AMA ter delineado uma estratégia para assegurar o futuro da instituição dotando-a de meios que ainda hoje garantem a viabilidade financeira da Casa-Museu.

As particularidades da vida e obra de Medeiros e Almeida que culminaram no gesto altruísta, atitude que se destaca da realidade portuguesa coeva e que perdura na herança que deixou ao País, são merecedoras de um lugar na história do colecionismo do século XX em Portugal.

Maria de Lima Mayer

BIBLIOGRAFIA:

Almeida, João; Vilaça, Teresa. 2002. *Um tesouro na Cidade*. Lisboa: Fundação Medeiros e Almeida

Mayer, Maria de Lima. *Casa-Museu Medeiros e Almeida: o projeto de um homem. De coleção privada a acervo público*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2016.

FONTES ARQUIVÍSTICAS:

Acervo Documental da Casa-Museu da Fundação Medeiros e Almeida – Pastas I/II/III/IV, Arquivo FMA

Acervo Epistolar da Casa-Museu da Fundação Medeiros e Almeida – Pastas V/VI/VII/VIII/IX, Arquivo FMA

Acervo Fotográfico da Casa-Museu da Fundação Medeiros e Almeida - Arquivo FMA

Entrevistas/Conversas com familiares e colaboradores de AMA – Pasta X, Arquivo FMA

IMAGENS:

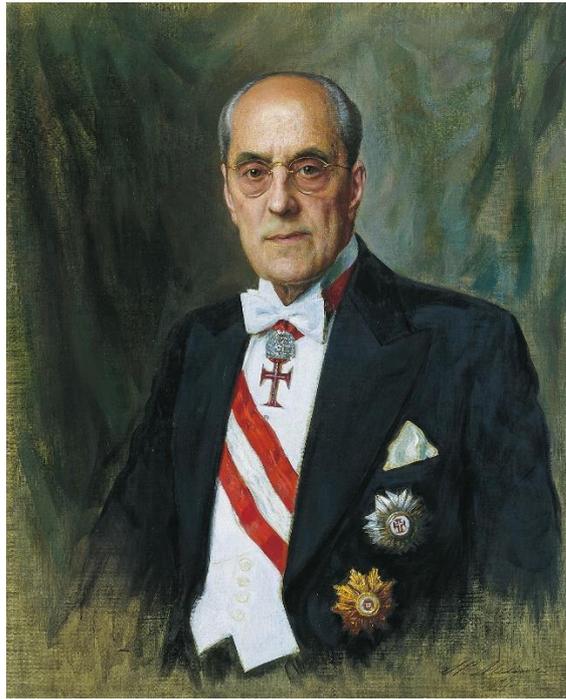


Figura 1 - António de Medeiros, Henrique Medina, Lisboa, 1974, óleo sobre tela. Arquivo fotográfico FMA



Figura 2 - Edifício Fundação Medeiros e Almeida. Arquivo FMA



Figura 3 - Sala dos Relógios - Casa-Museu Medeiros e Almeida. Arquivo FMA